

ORIGEM DO DESEJO

– NOTAS PARA UMA TEORIA PÓS-VITORIANA DO DESEJO.

Rosely Accioly Michelotto (*)

INTRODUÇÃO

Duas dificuldades iniciais (evidentemente há outras, eu apenas por tempo método e interesse me estou atendo **apenas a essas**, para um colocação da problemática do desejo e sua relação com a do questionamento do feminino:

I - O CONCEITO DE DESEJO INTERFERE NO CONCEITO DE CONHECIMENTO

Sabemos que essa é a grande virada Freudiana do século XIX. Até aí tudo bem. A dificuldade de se retomar sua posição teórica vem inicialmente do campo conceitual, ou melhor figural, imaginário, no qual se situam as reflexões sobre o tema. Esse campo escapa à simples análise de linguagem para escorregar pelo terreno da Retórica. Assim, não são **conceito correlados** que são utilizados na reflexão, mas via de regras, são termos que aí estão em função retórica: como metáforas ou metonímias. Estão pois além de qualquer relação entre **imagem e coisa real** (Cfr def. de Fontanier sobre figuras), numa relação pois que de jure deveríamos nomear como figural, incluída no campo da retórica se quisermos analisá-la criticamente.

Vamos simplificar isso tudo, indicando por exemplo o texto da S.P. Rouanet, **A Razão Cativa**.

Seu esquema analítico é dado pelo conceito de espaço: espaço Freudiano que estão colocadas as questões do imaginário e do desejo e do conhecimento revisado por Freud. Como dissemos acima, a dificuldade é se tomar a imagem de **espaço** aqui utilizada, como imagem e não como uma figura de retórica (alienada pois das características puramente neutras e higiênicas do “saber científico”). Lacan quebrou evidentemente esses pequenos limites entre imagem/figura que aqui colocamos, retomando o **literário** em Freud, mas não é hora ainda de falarmos disso. Rouanet dá-nos um bom exemplo das premissas pré-lacanianas e é o que nos interessa pelo momento.

Esse “pequeno limite entre imagem/figura é suficiente para nos criar grandes embaraços. Assim, o conceito de desejo, imaginário em suas relações com o conceito de conhecimento, mediatizados em Rouanet pela **figura** de Espaços (interno externo e freudiano), só nos leva a pié-tiner na questão.

A divisão do espaço em interno/externo é uma transposição no plano geométrico da divisão conteúdo/continente, ou conteúdo e forma, essa última nos vinda pela estética clássica e pela *hjemstev*, seu guardião. Essa mesma divisão (e isso é mais perceptível no texto de Rouanet) presta tributo a uma filosofia do final do século XIX que isolava consciência, indivíduo, afetos e aparelhos cognitivos (a cabeça talvez?), de história, vida material, sociedade, etc... Nesse tributo desfilar Kant, Hegel e mais vistosamente o jovem Marx em sua roupagem de ideologias, consciências falsas, alienações que tomaram emprestado de Napoleão.

Aquele Napoleão que chamava os retóricos de cambalacheiros, etc.

(*) Professora do Departamento e Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba.

Para não nos estendermos muito, resumamos a dificuldade secular, supostamente gerada no século XIX, napoleônica mesmo, criada por tais jogos de relações de conceitos. No caso Rouanet, o conceito de espaço (que é uma figura, com efeitos de convencer, e não um conceito, uma estrutura de lógica simples) joga a questão do imaginário e do desejo a uma **origem intermediária** às relações Indivíduo e Sociedade. Na "origem" pois, haveria indivíduos que se juntam e se complicam socialmente, mas que são contínuos, são formas, tem substância "conscienciosa" para se adaptar e ir resolvendo as encrascas que seus desejos e imaginário geram para a "pacífica" vida em comum, dita sociedade. E aí interioriza-se o grande achado cartesiano: o indivíduo não é forma, é conteúdo, é substância e não acidente. O grande passo da cultura e da evolução: de modelado pelo meio (e nesse **meio** entenda-se sua própria natureza silvática e bárbara e cheias de pulsões violentas), ele passa a sujeito, **modelador**, transformador, enfim Homem como se o concebe no final do XIX e durante quase todo esse XX.

A dificuldade qual seria? A de estarmos diante de relações (desejo conhecimento/imaginário) que talvez não sejam "dialéticas" (pelo menos dessa dialética evolucionista e eufóricamente progressista), mas que somos obrigados a pensar, porque assim nos proclamamos retoricamente. Breve, o indivíduo ou sujeito histórico desse campo no qual incluíram-no como desejo e imaginário e pulsional, é um centro criador, com potencialidade de progresso, evolução, mas totalmente anápto e determinado pelo seu discurso classificatório. Sua Razão é cativa. E assim anuncia-se nossa servidão ao desejo, à imaginação, ao imaginário, ao falso, ao errôneo, ao bárbaro, ao que quiserem nomear de patológico ou inconsciente ou trip.

Se me seguiram bem até aqui, essa última colocação é difícil e infeliz. Pois o Sujeito histórico, pela própria lógica do sistema de divisão entre espaços internos e externos, é cativo da **Razão**. E não o contrário. É esse cativo teórico que gera dificuldade de colocarmos hoje um novo campo de possibilidades de se pensar e agir sobre o desejo, o imaginário e o conhecimento.

Avançamos mesmo, a título de provocação intelectual, afirmando que nossa percepção de espaço é uma percepção de época (época-tempo de julgamento, creio), e é uma percepção **gerada** principalmente nas artes, é a quase certeza do século XX pagando tributo ao XIX. Daí tanta má vontade teórica em alguns estudos materialistas em relação à arte e suas relações como o infeliz estado de inconsciência. Ora, Marx nisso foi um razoável inovador após sair de sua juventude, mas exatamente por causa dela.

A possibilidade do Sujeito histórico ser algo **fora-desse esquema** interno/externo, etc, é devida sem dúvida a Hegel, esse teórico admirador da arte sem frotas (O Estado como espaço, etc.).

Marx bebeu aí o conceito do novo espaço que se gerava no final do XIX e que a burguesia teimava em não querer ver ou reduzir: o assalto das massas trabalhadoras ao burgo, o direito de cidadania que fatalmente eles adquiriam. Daí sua virada nas questões de "consciência" (espaços internos) para as questões de classe, para a saída de uma teoria do **indivíduo**, ou das substâncias de sua alma.

Marx representa, com Hegel, a saída de uma geometria plana (que mede ângulos internos e externos, pontos de vista no projeto, no papel) para uma geometria espacial. É talvez a partir daí que possamos repensar o desejo, o imaginário, as pulsões, a barbárie, o conhecimento.

Conceitos pois repensados não como **mediadores**, solucionadores, resolutivos de tensões entre espaços internos e externos. Pois esse nome assim concebido não passa de um desenho, um projeto talvez, um tigre de papel como se dizia nos anos 60. Um Homem Plano, reto, talvez justo, mas terrivelmente chato e tedioso.

A nossa primeira intervenção na questão pois da Origem do Desejo é a de indicar a dificuldade de situá-lo teoricamente. Para isso o apelo fácil à teoria psicanalítica nos permitiria apenas situá-lo mais uma vez à parte, em espaços-entre. O apelo fácil à teoria materialista (dialética) não nos tiraria das sínteses em papel.

II – O CONCEITO DE DESEJO ASSOCIADO AO DE FANTASIA, IMAGINÁRIO

EX:

Os desejos irrealizados são a força motriz da fantasia (Rouanet 201). “A fantasia é a anulação imaginária do sofrimento” (idem) o “ideal” seria o homem sem desejo? A atarixia do homem sem vontade!

Desejo, fantasia, imaginário são interligados a um campo de regressões, sintomáticas da perversão, de defesa, de alienação, de negação do conhecimento do real, breve, de birutice.

Esse vocabulário, mais corrente do que se imagina, guarda traços e traços de conceitos e teorias evolucionistas da época vitoriana. Teorias que associam patologia (neurose, psicose) a crianças e selvagens.

O caso mais evidente dessa associação reside no conceito de “canibalismo”, por exemplo. (Bucher Ls 322).

Relembramos que a própria questão da “arte popular” foi por longo tempo colocada sob as figuras de criança, selvageria, incultura, barbárie, etc...

Esse tipo de associação de imagens ao campo conceitual de desejo persiste abertamente expressas em algumas teorias, e pudicamente cobertas em muitas.

A condição Feminina tem sido associada a essa trindade criança/selvagem/doente mental. Nossas constituições mesmas estão aí para demonstrar essa utilização no campo do direito, por exemplo: Todo esse campo de teorização parece supor – em relação ao desejo e imaginário, que a proibição ou a correção do imaginário foi CONDIÇÃO SINE QUA NON para a existência da sociedade. Para sairmos um pouco do campo da abstração, voltemos a Rouanet, nosso alvo de hoje.

O imaginário, impulsionado pelo desejo é associado a uma belíssima imagem: a geografia de Itaca. A concepção vitoriana porém impede a descrição dessa geografia de desejos perversos (mulher casada solitária assediada de pretendentes a tentar vergar o arco de Ulisses...) e indica apenas uma imagem de travessia: Circe. A relação Ulisses/Circe, a feiticeira a mulher imaginária, à falsa, de desejos imaginários (falsos pois ele enfrenta escutando, mas amarrado ao mastro...).

O imaginário – impulsionado pelo desejo – é criador do falso do espectro, do perverso, da sedução de bruxas que leva aos impulsos denegrados da libido.

A lógica racionalista e seu caminho evolucionista vitoriano não combina com esse traço de barbárie.

Onde a dificuldade?

Esse campo de relações que faz o desejo deslizar para o imaginário e o imaginário para a falsidão e a falsidão (vitoriana) ser a criança, o selvagem a mulher impede qualquer localização teórica do desejo, que escape ao campo de um evolucionismo barateado por “préjugés” de época. Preconceitos tão difundidos que vamos encontrá-los até mesmo na Retórica de Fontanier, que distingue de um lado a linguagem comum, do homem da rua, da criança, do bárbaro e selvagem, de uma linguagem “trabalhada em figuras”, e do homem culto, letrado, etc...

Breve o desejo situado ao lado do imaginário e remetendo a figura de adulto/criança, selvagens/civilizados, desejos de Ulisses e desejos de Circe... tem sua origem vitoriana, e perpassou indene a algumas das proposições da revolução freudiana. O maior problema talvez tenha sido pelo fato do próprio Freud não estar isento desse campo de imagens. O desaparecimento do Feminino em Freud e seu aparecimento espectral, circense na mãe de Edipo – deve-se talvez menos por um problema de cabeça que por um problema de cultura e época. Aliás, um problema de cabeça, claro.

III – ONDE A DIFICULDADE, CONTINUO A PERGUNTAR-ME?

Num problema de história também. E de linhas e fios de tecer. A concepção de um questionamento do Imaginário se debate ainda hoje no mesmo terreno do Inconsciente da própria época freudiana.

– Antes de Freud, o sonho e suas leituras eram feitas sob um modelo pictural.

Isto é: interpretava-se o sonho como se fosse um quadro de um pintor. (Convenhamos que quadros um pouco avançados, paxando para uma pintura moderna bem posterior...).

E esbarrava-se na dificuldade de se entender uma série de **elementos constitutivos** de um quadro, ou de um sonho, por não se passar daí à busca das próprias **estruturas constitutivas** dessa "expressão". Pois se o quadro tem volume, forma, peso, densidade, cor, o inconsciente manifesto no sonho tinha também elementos de estruturas próprias (pois verde em um sonho não é exatamente **uma cor**, e só) como uma gravata não seria apenas um falus.).

Essa última descoberta freudiana levou à formulação lapidar de lacan:

O inconsciente se estrutura **como** uma linguagem.

– Pós-Freud, a questão das imagens – e o imaginário ficaram **abertas** à novas perspectivas. Fundamentalmente à perspectiva de não se poder trabalhá-la sem a constituição de um novo campo de percepção de seu **objeto** e de suas relações.

Pós-Freud este campo ficou sendo, por vezes o do Inconsciente, por vezes o da própria Linguagem. Assim:

- 1 – **O Imaginário se estrutura como o Inconsciente** (A própria pintura futura, via surrealismo, iria sog essa extrapolação, in-versão e inversão histórica...)
- 2 – ou: **O Imaginário se estrutura como Linguagem** (O que é expandir a descoberta freudiana, expandindo-a agora a tudo e qualquer coisa...).
- 3 – Esse último movimento de reflexão também conhecida como "sob imperialismo da linguística", patroa agora de todas as ciências, poderia levar à última a desesperante afirmação de que:
- 4 – Essa tautologia permitiu vislumbrar novos campos, e a necessidade de se sair do "círculos linguísticos" e de todos seus vícios.

Relembrando:

A concepção do imaginário hoje, se debate ainda na problemática da época freudiana.

É assim que nos estritamos em 2 grandes linhas (pré-e pós Freud) a nos encontrarmos com o Imaginário e o Desejo em nossas pesquisas:

1 – Uma linha que tomou Imaginário como o campo da Imagem, e Imagem como pintura. É a pré-freudiana. Mais **descritiva de elemento, que analisadora de estruturas**.

Nessa linha por exemplo, trabalhos do Grupo de Pesquisa sob o imaginário, da Fundaj. Que, apesar de ter incorporado na teoria a reflexão pós-freudiana¹ não se livrou de uma definição pictural do objeto em questão. Quando se trata de imagens, se trata mesmo de santos de igreja, quadros de pintores da terra, etc.²

É uma linha profícua sob o **ângulo descritivo**. E fraca enquanto deixa de lado todo o material imaginário que não se possa pegar com a mão, que não seja de alguma concretude "forte". Assim por exemplo o material constituído pela própria **teoria do imaginário** e sua história não tem como ser submetido à reflexão. É mais uma linha de aplicação de conceitos, de certa utilidade, mas que tem nos deixado nos mesmos impasses dos que antes de Freud tentavam "interpretar" sonhos como se fossem pinturas. Gilbert Durant é um dos patronos dessa **pré-linguagem**.

2 – Na linha pós-freudiana, algumas obras têm aberto caminhos para o Imaginário: Castoriadis; Lacan, evidentemente, Baudrillard, Kristeva e Fernando Belo.

É uma linha que, breve, abre o **campo do objeto**. E o **conceito de Imagem**, e não a **imagem concreta**. Abre o campo para a linguística, estudando **relações** para além dos elementos. Abre o campo para a Retórica, entrando pelas figuras de construção saindo do "expressionismo dos sentidos" para as questões de significação. Abre o campo para a semiótica, podendo propor hoje uma retomada crítica da própria **teoria do conhecimento**, retirando assim do espaço pósfreudiano da reflexão sobre o Imaginário o pesado fardo da linguística estrutural.

Se o campo do pré e pós espaço freudiano da questão foi o da Imagem, hoje, o campo é o da Figura.

Se o campo foi o da construção e desconstrução de uma gramática social da Imagem, hoje o campo é o da construção/desconstrução de uma Retórica..

E é nessas direções que propomos orientar nosso questionamento. Buscando um

espaço do Imaginário, a partir do feminino como lugar particular de pesquisa. A partir talvez mesmo daquela adivinhação da diferença entre uma mulher e um espelho.

Por que o **refletir** se dissocia do falar e o falar se dissocia do refletir? Por que a Imagem se dissocia do Desejo e o Desejo da Imagem? Por que, diante do espelho, a mulher foi posta paulatinamente em processo de fading-out, de apagamento vampiresco de sua própria Imagem? que Imagem é essa de um espelho refletindo a ausência de um corpo próprio?

É na busca dessa Imagem considerada culturalmente perdida pela falta de reflexão, e socialmente assim imposta com veraz e natural e assumida numa espera do Ulisses-complemento-circunstancial desta ilha.

É nessa espera de Desejo, tecido e destecido ao longo da guerra dos homens, que se situam os pontos de ancoragem de uma pré-teorização da questão do Imaginário Feminino.

IV. O DESEJO DA "ORIGEM"

Nesta introdução à questão do desejo em sua relação ao imaginário e ao feminino colocamos dois obstáculos, e duas possíveis linhas (III). Retomamos aqui o título sob forma inversa por julgarmos relevante a indicação de que, no bojo, ventre, deste título-proposta-de-trabalho, pode se estar simplesmente gerando uma problemática típica do século XIX, tal como a do **desejo de origem**.

A **questão das origens** e sua trajetória darwiniana (sem esquecer que nesse barco entraram Marx e Engels ao refletir sobre a Família, Propriedade e Estado...) não pode continuar a ser proposta impunemente. Não que se pretenda aqui refutar Darwin e sua espécie. Não é o caso. Suas notas de viagem têm mais valor-e sabor que essa simples redução. Mas há que se ter em conta – e nunca é inútil lembrar – que o **campo social** do questionamento darwiniano, é o da **concepção e realização teórica de um espaço social hierarquicamente organizado**.

As oposições natureza/cultura, criança/adulto, selvagem/civilizado (isso é: europeu), Masculino/feminino, foram indicadas, acima e ao longo de nossa reflexão até aqui, como presentes e operantes no campo de significação da relação tríplice: desejo/fantasia/imaginário. Ora o darwinismo proporcionou a última das grandes sistematizações teóricas de tal campo assim minado (Marx e Engels nada têm af de original).

Difícil seria pois se enfrentar a problemática do desejo em sua relação à do imaginário e à do Feminino, sem a discussão da problemática das origens. **Repito**: difícil seria se discutir a questão do Feminino e de seu desejo **específico** no interior de seu imaginário **específico**, sem questionarmos nossas "origens" e o discurso sobre teórico as origens.

Há que se retomar essas colocações por in-versão, com a lucidez cruel de Walter Benjamin, para se retirar delas a "euforia" hierarquizante de um evolucionismo otimisticamente progressivo. Sem o que o espaço teórico interno e externo, superior ou inferior, relegará para a inferioridade o **Feminino** como não-reflexivo, o **Desejo** como "realizado/irrealizado", a Imagem como imago ou in-versão (imagem invertida do real dentro da Câmara obscura do crânio masculino).

Espelho da fatuidade e tolice. Preconceito vitoriano sob o qual se massacra toda a cor, todo o charme e todos os Caetanos que dissessem que gente foi feita é para brilhar.

Breve sair há que se sair da hierarquia dos desejos e imagens revendo-se a posição determinista-mecanicista da **impossibilidade de reversão à origem**. Que é a posição inscrita no que denominamos "euforia otimista da evolução". Benjamin estudou a auréola, e talvez fosse o brilho seu objeto. Benjamin indicou a in-versão do mecanicismo eufórico: não há um só documento de cultura que não seja documento de barbárie.

No **social** a origem pouco **importa** pois ela pode ser sempre posterior ao que gerou, indica perversamente Benjamin. Esse é o caso da **problemática da origem do** e no século XIX. A vitória (rainha) se impôs como se houvesse a batalha.

V BIBLIOGRAFIA

- ROUANET, SÉRGIO PAULO. **A razão cativa. As ilusões da consciência de Platão a Freud.** Brasiliense, 1985.
(ler sobretudo a capa enquanto pode ser uma radiografia computadorizada da hipófise, ou a proeminência masculina ou como glândula pineal, o olho da testa que só polifemos possuem).
- LACAN – “Stade du miroir”. in Ecrits I e II – Points (SH) a970. Paris e toda obra que só versa sobre isso.
- CASTORIADIS: A Instituição Imaginária da Sociedade. Paz e Terra Rio de Janeiro. 1982.
- BELO, FERNANDO. Análise materialiste e l' evangile de Marc. Les Edition du Cert – Paris. 1974.
Pelo avanço teórico de linguagem e pelos códigos de sujeira do universo discursivo judaico-cristão, também dito Ocidental.
- DANICLLE, P.R. PITTA (org.) – Conferências sobre o tema da passagem in: O Imaginário e a Simbologia da Passagem – FUNDAJ – Recife. 1984.
- ROUANET, SÉRGIO PAULO – Teoria Crítica e Psicanálise – Tempo Brasileiro. Edições UFCE, RJ/CE. 1983.
- DELEUZE, GILLES – SADE/MASOCH – Edt. Assfrio & Alvim – Cadernos Peninsulares/ns/ensaio 4 – s/d.